

TOCANDO COM OUTROS OLHOS: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE MUSIGRAFIA BRAILLE UMA FORMA DE INCLUSÃO

SILVA, Daniela Maria da ¹.

SOUZA, Margareth Costa Barbosa de ²

SILVA, Marina Santos ³

DIAS, Alves Sabrina⁴.

Resumo

Abordamos este tema Misigrafia Braille cujo foco refere-se à inclusão do Deficiente Visual ou de Baixa Visão por meio da música e sua grafia. A música tem o poder de estimular a sensibilidade humana traçando caminhos prazerosos para a apropriação do aprendizado. Para os Deficientes Visuais isto não é diferente pelo contrário é ainda mais palpável pois conseguem descrever em melodias e sentimentos de forma fantástica o transpondo para outros universos. Mas como ensinar música a um Deficiente Visual? Como entender a tecnologia Musigrafia Braille? E o que é?

Palavras – chave: Deficiente visual, Baixa visão, Música, Musigrafia Braille.

Abstract

We address this issue Misigrafia Braille whose focus relates to the inclusion of visually impaired or low vision through music and its spelling. Music has the power to stimulate human sensitivity to pleasurable paths tracing the ownership of learning. For the Visually Impaired this is no different however is even more palpable because they can describe feelings into melodies and fantastically transposing to the other universes. But how to teach music to a visually impaired? Understand the technology Musigrafia Braille, and what is it?

Keywords - Keywords: Poor visual, Low Vision, Music, Musigrafia Braille.

Introdução

A formação da criança e jovem cego é muito danificada por falta de acesso a recursos, tecnologias, cultura e profissionais capacitados. A inclusão está acontecendo; facilitando o acesso à escola, os livros são todos impressos no sistema comum de escrita. Nessas circunstâncias, o aluno pode aproveitar a tecnologia Braille ou a colmeia para copiar e fazer seus trabalhos escolares, mas isso se choca com a falta de estrutura capacitação dos profissionais na área das praticas pedagógicas no ambiente escolar comum e nas escolas especializadas em música, pois, poucos professores da área sabem Braille, a falta de incentivo



aos voluntários (*ex. Família*) que se disponha a ajudar o cego fica restrito, à informação verbal transmitida pelo professor e o preconceito, volante principal para dificultar ainda mais a aprendizagem. Estas dificuldades descritas não são tão perceptivas em nossa cidade, pois não nos deparamos com frequência com estes em nosso convívio direto, mas há sim uma grande falta de instrução dos profissionais e da comunidade que desconhece tal problema.

Sabe-se que as tecnologias, materiais didáticos, e a capacitação de profissionais nessa área são custosas. A Musigrafia Braille é um dos recursos que podem facilitar e aproximar essa criança especial a uma vida mais sociável, desenvolvendo assim de forma lúdica sua aprendizagem. Interpretar notas musicais grafadas em uma partitura é tarefa banal para um músico. Porém, quando o instrumentista é deficiente visual essa atividade torna-se muito mais complicada, sem contar os inúmeros obstáculos enfrentados durante o processo de aprendizagem musical.

A história do método de escrita braille

Segundo Tomé (2003) Louis Braille devia ter pouco mais de quinze anos quando inventou seu código de escrita. O jovem francês nascido em, 1809, em uma cidade próxima a Paris, tinha se tornado cego aos três anos de idade, após um acidente, mas não desistiu de tentar aprender. Uma bolsa de estudo lhe permitiu ingressar, em 1819, no instituto de Jovens Cegos, em Paris, onde se ensinava a ler através da impressão de textos em papel muito forte, que permitia dar relevo as letras. Um encontro com Tereza Paradise, concertista cega, foi decisivo na sua vida. Teresa idealizava um aparelho para ler e compor ao piano, que fascinou Braille.

Mais tarde se tornou professor de música e, entre os alunos a quem ensinava havia uma pequena cega Teresa Von Kleinert. O seu talento ao piano era extraordinário, o que animou Braille a ensinar o sistema de pontinhos. Em pouco tempo, Teresa se tornou uma concertista de sucesso. Recebida com agrado nos salões da Europa, Teresa difundia, a cada apresentação, o sistema Braille e pela primeira vez os jornais falavam o seu nome, até então desconhecido. A 6 de janeiro de 1852 Braille faleceu, sem chegar a ver seu trabalho reconhecido. Só dois anos após a sua morte o sistema foi reconhecido oficialmente na França, depois que Teresa se exibiu na Exposição Internacional de Paris. Ao piano pode mostrar ao mundo como é que um cego podia ler e escrever. Isso tudo por um sistema criado por



outro cego. Há 182 anos o “Braille” é o meio usado por excelência pelos cegos para leitura e escrita.

Cegueira e deficiência visual qual a diferença ?

Segundo Amiralian (1997), a primeira preocupação com a cegueira foi a da medicina, que a percebia como uma consequência de doenças e buscava minimizar essa deficiência com o objetivo de tornar a pessoa “normal” novamente. Em casos de baixa visão, recursos ópticos podem ser utilizados para maximizar o resquício visual. O mesmo não ocorre com a pessoa cega. Então, é preciso fazer com que a informação visual chegue até ela por outras formas. Para tal, outros canais sensoriais devem ser utilizados, como o tato e a audição.

Lira e Schlindwein (2008), que discutem a inclusão da criança cega na escola por uma leitura vigostskiana, relacionam a linguagem e as funções psíquicas superiores para o cego. Onde a criança cega se apropria do conhecimento por meio desta prática social, assim desenvolvendo de maneira grandiosa suas potencialidades, transformando sua relação com o mundo.

O Deficiente no Brasil e no mundo.

Polanyi (1964), referindo-se à pessoa cega usando uma bengala, questionava "quais eram seus limites – ou mais especificamente: o limite inclui ou não inclui a bengala"? Em outras palavras, o uso do artefato tecnológico modifica o ser cego, ao mesmo tempo em que é incorporado por ele, formando um novo ser, que poderíamos chamar de "cego com tecnologia".

Carey (1996), no texto “Braille and the Information Technology Revolution”, fala dos diversos artefatos tecnológicos que mudaram a vida dos deficientes visuais, que incluem o rádio, TV, gravador, videocassete, ferramentas para baixa visão, xerox ampliada e microcomputadores. A esses dispositivos listados, pode-se acrescentar uma lista gigantesca, telefone, máquina de datilografia comum e Braille, impressoras Braille, diversos dispositivos de reprodução tátil (como o Thermoform), microcomputadores especializados (como o Braille’n Speak e o Dos Voz) e toda sorte de utensílios falantes (como relógios de muitos tipos, termômetros, microondas, telefones celulares e inúmeros outros). Pode-se dizer que com estas tecnologias facilitou a vida do deficiente visual numa análise sociotécnica, são também por eles influenciados e modificados.



Segundo dados obtidos com a ‘*Organização Mundial da Saúde*’, o número de pessoas portadoras de deficiência visual no Brasil até o ano de 2009 seria hoje estimado em aproximadamente 750.000 pessoas. Esse número serve apenas como base, uma vez que não existe estatística oficial sobre deficiência em nosso país.

Uma pessoa cega pode ter algumas limitações, as quais poderão trazer obstáculos ao seu aproveitamento produtivo na sociedade. Grande parte destas limitações pode ser virtualmente eliminada através de três elementos:

- Uma educação adaptada à sua realidade.
- Uso de tecnologia para diminuir as barreiras.
- Uso da música como veículo estimulador.

Existe um elemento chave que diferencia o cego brasileiro de um cego do primeiro mundo: o acesso à educação e à cultura. Isso é facilmente explicável: existe um custo adicional para a educação do cego. Por exemplo, produzir um livro em Braille é muito mais caro e difícil do que um livro comum, e assim, só são transcritos para Braille aqueles que são básicos. Jornais em Braille, nem pensar !

Felizmente isso está mudando, com a disponibilidade de tecnologia a custo baixo. Dois elementos são chave deste processo: a existência do gravador portátil e o microcomputador.

O gravador, permitindo o registro e a reprodução de textos a custo baixo, foi um grande salto para o acesso à cultura. Hoje existe um grande número de "livros falados", que ampliam o horizonte cultural do cego.

O microcomputador, tecnologia muito nova, amplia até um limite inimaginável as oportunidades do cego.

Musigrafia braille

Segundo Miquelino C. Maressa , a situação de hoje é que , como os professores de música poucos tem conhecimento da Musigrafia Braille, acaba por recusar-se a lecionar para estudantes cegos por julgarem impossível passar para eles o conteúdo das partituras com



efetividade. Desta forma, torna-se a inclusão de músicos regular. Daí a importância do método ser informado nos cursos de licenciatura de todos os países, podendo atrair curiosos, pesquisadores, professores interessados em trabalhar com o público.

Há algumas diferenças no aprendizado entre deficientes visuais de nascença e os que adquiriram a deficiência ao longo da vida.

Entre as pessoas com deficiência visual desde o nascimento, por exemplo, está a maior prevalência do chamado ouvido absoluto, que é a capacidade de identificar tons musicais em sons isolados.

Isso ocorre porque a deficiência congênita impõe ao indivíduo uma dependência dos sons desde muito cedo. A importância do som neste caso é muito relevante, pois ele dá toda a referência do espaço.

Segundo MIQUELINO, nesses casos a estrutura neuronal é formada logo na primeira infância, visando à enfatizar a audição. "Pesquisas mostram que algumas regiões do córtex visual são realocadas para processar sons nos cérebros de deficientes visuais congênitos".

O Tato é ferramenta de reconhecimento, mais aguçado. O Método de escrita Braille torna-se o primeiro código de escrita, enquanto que na deficiência adquirida é travado um processo de readaptação à realidade. Reily (2004) ressalta que, muitas vezes, o contato inicial do professor com um estudante, que possui uma deficiência, é permeado por mitos e fantasias. Ao abordar especificamente questões relacionadas à deficiência visual, surgem alguns mitos na aprendizagem referente à tendência de se superestimar ou de se subestimar as capacidades de uma pessoa cega. Ao se deparar com um cego, aquele que enxerga tende a olhá-lo segundo um estereótipo, herdado social e culturalmente. E assim, padroniza-se um molde ou, a partir dos quais sejam reproduzidos indivíduos iguais, dotados das mesmas características. No campo da música, essa concepção estereotipada aparece à medida que o cego, ora é considerado como uma pessoa naturalmente apta para a música, com dons musicais extraordinários, e ora é considerado como um músico incapaz de ler ou de compreender uma partitura, bem como de frequentar uma escola de música “normal”.

Conforme aponta Ganzaroli (2002) “O sucesso de um músico cego há de ser atribuído ao talento e esforço individuais, à competência dos mestres, à eficácia do método empregado -



nunca à cegueira em si mesma”.

A inclusão permite que os alunos ditos normais percebam e valorizem as capacidades e as virtudes cognitivas destas crianças e aprendam com elas a que a deficiente visual não é uma diferença anulada mas é o ampliar de horizontes estimulado por sensações.

Deficiente não é coitadinho

Muitos consideram que a palavra ‘deficiente’ tem um significado muito forte, supondo que este não é incapaz, incompetente e até mesmo sem raciocínio lógico. Isso ressalta na sua limitação, no ‘defeito’, gerando sentimentos como desprezo, indiferença, chacota, piedade ou pena.

Esses sentimentos de comiseração, por sua vez, provocam atitudes carregadas de paternalismo e de assistencialismo, voltadas para uma pessoa considerada incapaz de estudar, de se relacionar com os demais, de trabalhar e de constituir família.

No entanto, à medida que vamos conhecendo uma pessoa com deficiência, e convivendo com ela, constatamos que ela não é incapaz. Pode ter dificuldades para realizar algumas atividades, mas, por outro lado, em geral tem extrema habilidade exatamente como nós. Todos nós temos habilidades e talentos característicos; mas nas pessoas com deficiência as manifestações são mais visíveis e acentuadas.

Os graus de visão abrangem um amplo campo de possibilidades: desde a cegueira total, até a visão perfeita, também total. A expressão ‘deficiência visual’ se refere ao aspecto que vai da cegueira até baixa visão.

A percepção auditiva e o olfato ajuda o deficiente visual a compreender que existe uma realidade exterior, separada dele. No entanto, cada som e cheiro tem sua identidade. Por exemplo: Ao ouvir a batida de uma porta, sabe como ela é, para que serve se é feita de madeira ou de metal; ao passar por ambientes diferentes ele pode identificar por meio da mudança do cheiro. A aquisição do significado do mundo dos sons é de extrema importância para que este reconheça onde está, se há alguém chegando, etc. Instrumentos percussivos, melódicos e harmônicos são de grande ajuda para o portador de deficiência visual, pois



sua percepção fica ainda mais aguçada. As escassezes de formas de contato com essa notação levam os sujeitos acreditarem que a Musicografia Braille é um código de grande complexidade e de difícil assimilação.

Não se pode negar a complexidade do código. Entretanto, dar-se essa ideia pela falta de recursos que subsidiam seu aprendizado. Ao se abordar o contexto o ensino da Musicografia Braille, podem ser destacados alguns personagens.

Constata-se, primeiramente, a presença do educador musical. Fala-se, aqui, de um professor de Música “genérico”, e não de uma pessoa especializada em lecionar para os cegos. Está-se falando daqueles que comumente saem de conservatórios e universidades de Música, rumo à docência.

É fato que, grande parte desses educadores musicais, ao se depararem com um aluno cego, desconhece os meios pelos quais esse estudante possa se apropriar da leitura e escrita musical. A busca de informações sobre o ensino da Musicografia Braille, por parte do professor, é imprescindível, e, sem dúvida, trata-se de uma tarefa árdua, visto que atualmente no Brasil, há uma grande escassez de profissionais e instituições que difundem esse sistema de escrita.

Apesar dessa dificuldade, o professor precisa ser consciente de seu papel junto a seu aluno com deficiência visual. Antes de tudo, ele é um educador musical assim como o é para seus demais alunos. Sua responsabilidade é a de prover as condições para que o estudante que lhe foi confiado venha a ter uma formação musical consistente. Logo, ainda que o professor desconheça o código musical em Braille, ele tem o papel de ensinar os fundamentos da Música, com base em sua formação profissional. Ele pode ensinar a técnica de um instrumento, bem como os conceitos relativos à Teoria Musical, à Harmonia, à História da Música, a aspectos estilísticos das obras, etc. Esses conhecimentos de que o professor dispõe subsidiarão o aprendizado da Musicografia Braille por parte de seu aluno.

Considerações finais

A falta de informação acerca da Musicografia Braille. Há professores que desconhecem a existência dessa tecnologia, por isso, adotam maneiras “inventadas” para o



ensino da leitura musical, o que faz de seus alunos dependentes e limitados. Ainda há muita escassez de recursos didáticos e de capacitação para estes docentes.

De fato, considerando-se, sobretudo a nossa realidade em nível de cidade e país, o acesso as tecnologias Braille, para que haja uma inclusão não só para musicistas mas em sala de aula do ensino regular, exige um grande empenho tanto por parte dos professores, quanto por parte de seus alunos com deficiência visual. Para que este método funcione é necessário que os docentes se empenhem à buscarem recursos e compreenderem os mecanismos aplicados do Braille, e que os aprendizes, entendam as estruturas.

Embora ainda haja obstáculos, cada um com suas particularidades e por meio delas desenvolve suas próprias estratégias. A diversidade, em nossa sociedade é um assunto que gera muitas discussões acerca do ensino de notação musical no método Braille. Temos que levar em conta as particularidades de cada aluno, garantindo com que ele exerça sua autonomia sobre sua obra. Esta forma de inclusão por meio do MusiBraille, não única ou uma exclusiva forma de acesso a esse código, assim como não há somente uma maneira correta aprendê-lo.

Mesmo com tal empenho destas partes, ainda falta o poder publico e a comunidade se engajarem para que esta “deficiência” de conhecimento seja abrandada.

Mediante os relatos dos autores citados, notou-se o reconhecimento por parte deles acerca da importância da Música e tecnologia na educação. Então agora é agir para que esta situação possa ser transformada em realidade.

Bibliografia

CARVALHO, Maressa M. de. *O Ensino Específico De Música Para Deficientes Visuais: O Método Musibraille*, Monografia defendida no Curso de Licenciatura em Educação Musical, Habilitação em Ensino Musical Escolar da Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás, 2010.

TOMÉ, Dolores. *Musicógrafa Braille: Instrumento de Inclusão*. Portugal: UIL - 2002

BONILHA, F.F.G. *Leitura musical na ponta dos dedos: caminhos e desafios do ensino de musicografia Braille na perspectiva de alunos e professores*. 2006. 226 f. *Dissertação*



(Mestrado em Música) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, 2006.

<http://www.diariodasaude.com.br/news.php?article=deficiente-visual-defende-tese-doutorado-musica-unicamp&id=5009>, Acesso em: 20 de Março de 2014.

<http://intervox.nce.ufrj.br/brfacil/>, Acesso em: 18 de Março de 2014.

<http://www.scielo.br/pdf/pee/v14n1/v14n1a06.pdf>, Acesso em: 6 de Março de 2014.

<http://www.menvi.org/>, Acesso em: 27 de Abril de 2014.

<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/musicabraile.pdf>, Acesso em: 19 Maio de 2014.

